Click Here

O que é um casal trans

A fetichização do por parte de homens cis compartilhada por Cez e Isis também marcou os relacionamentos da atriz, cantora e diretora Marina Mathey, 28. Hoje, ela ressignifica o afeto ao lado de Digg Franco, fundador da ONG Casa Chama, espaço coletivo de discussão e ação LGBTQIAP+."Não tem nenhuma relação que se equipare a uma relação transcentrada. Passamos por todas as cirurgias juntos. Os momentos mais importantes das nossas vidas. Quando fiz mastectomia, a Marina cuidou de mim. Quando ela colocou os peitos, eu estava com ela", explica Digg.Marina e Digg mantinham amizade desde 2018, mas começaram a se relacionar afetivamente no começo da pandemia da covid-19, em 2020. A afinidade cresceu justamente num período em que os contatos físicos estavam restritos.Foi pela tela do celular e dentro das casas onde moram em São Paulo (SP) que deram os primeiros passos na relação e também encontraram acolhimento para as particularidades da hormonização - aplicação de testosterona no caso de Digg e do bloqueador do hormônio para Marina.As oscilações de humor, mudanças de gostos, desejos, ritmos e intensidade, além de situações de disforia de gênero, são cuidadas com amor e diálogo pelo casal."A testosterona 'leva' para um lugar e o bloqueador me coloca em outro. Vamos sempre encontrando esses ajustes, não para nos adaptarmos, mas para nos entendermos", explica Marina.É por meio do diálogo também que tentam respeitar os limites de cada para que o cuidado não deixe nenhuma das partes esgotada fisicamente ou psicologicamente. O cuidado que têm no relacionamento leva Marina e Digg para outras possibilidades de afeto, com uma relação não monogâmica cuja premissa é que seus corpos sejam livres. Nicole comenta sobre a possibilidade de filho biológico em um relacionamento transcentrado A definição de família é simples: é o conjunto de parentes de uma pessoa e/ou o grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto. É assim a família de Lara Nicole Medeiros Mota e Gabriel Lima de Sousa, um casal transcentrado de Fortaleza. Eles aguardam a chegada de Flora, primeira filha biológica deles, com a gestação de Gabriel. Neste dia 29 de janeiro é comemorado o Dia Nacional da Visibilidade Trans. O conceito da palavra "transcentrado" significa que a relação é constituída por pessoas trans. Com Nicole e Gabriel, o novo modelo familiar, no entanto, seguiu etapas bem tradicionais: namoro, noivado e casamento. Gabriel está grávido há cerca de sete meses. O casal decidiu, então, publicar vídeos nas redes sociais mostrando a rotina, de ser um casal transcentrado, a gestação de um homem trans, e outras facetas do dia a dia. Os vídeos já foram vistos milhões de vezes, e renderam milhares de seguidores. “Foi uma coisa de rotina, não foi pensado para viralizar. A gente começou a postar nossa rotina e tudo foi acontecendo. A galera gostou”, disse Nicole. Ela é artista, cantora de funk conhecida como "Nik Hot". “Tem as transfobias, mas enquanto eles estão comentando, eu estou ganhando dinheiro nas duas plataformas. Não estou preocupada”, declarou Nicole sobre os comentários negativos e preconceituosos. 1 de 6 Gabriel Sousa e Lara Nicole, casal transcentrado de Fortaleza. — Foto: Ismael Soares/SVM Gabriel Sousa e Lara Nicole, casal transcentrado de Fortaleza. — Foto: Ismael Soares/SVM Além do funk, ela também já trabalhava produzindo vídeos para as redes sociais. Ela é também a fundadora da Casa Transformar, uma casa de acolhimento para pessoas trans, onde ela conheceu Gabriel. “Quando você vai trabalhar com a internet, a primeira coisa é: não leia os comentários. Continue apenas fazendo, porque os comentários negativos podem desestruturar muito”, destacou. “Eu coloquei uma coisa na minha cabeça. Sendo criticada ou não, não vai mudar nada na minha vida. Não vou deixar de ser travesti, não vou cortar meu cabelo, não vou deixar de usar roupa feminina porque simplesmente alguém acha que não é legal”, complementou a artista. 2 de 6 Gabriel Sousa e Lara Nicole, casal transcentrado, fala sobre gravidez e rotina em Fortaleza. — Foto: Ismael Soares/SVM Gabriel Sousa e Lara Nicole, casal transcentrado, fala sobre gravidez e rotina em Fortaleza. — Foto: Ismael Soares/SVM Casar e engravidar, para Gabriel, foi um caminho para ressignificar o que ele entendia como família. A relação com os parentes biológicos é problemática, o que o motivou a sair de casa e buscar a Casa Transformar — instituição em Fortaleza, criada por Nicole, dedicada a abrigar pessoas trans. “Quando eu me assumi, minha mãe me renegou. Daí, eu decidi sair de casa, e comecei a trabalhar como auxiliar de costura”, lembrou Gabriel. “Hoje em dia, ainda tento contato, mas eu nem deveria porque eles são muito transfóbicos”, lamentou. Ele disse que sempre teve o desejo de ser pai, mas não via os meios possíveis, uma vez que apenas se relacionava com pessoas cisgênero — aquelas que se identificam com o gênero associado a elas desde o nascimento. Gabriel disse que o relacionamento dele com Nik foi o primeiro transcentrado. Assim, a vontade de engravidar sempre esteve no horizonte do casal. “Foi uma explosão de sentimento. Eu estou muito feliz, muito grato. Não consigo nem achar uma palavra específica, só tenho a agradecer pela vida da minha filha, pela minha esposa, pelo meu casamento”, disse Gabriel. 3 de 6 Gabriel Sousa, costureiro, revelou que sempre teve desejo de ser pai. — Foto: Ismael Soares/SVM Gabriel Sousa, costureiro, revelou que sempre teve desejo de ser pai. — Foto: Ismael Soares/SVM O relacionamento e a convivência com Nicole, inclusive, iniciaram para Gabriel um ambiente familiar mais inclusivo. “Minha família é incrível; respeita meus pronomes, respeita o Gabriel. É um privilégio que, infelizmente, grande parte das pessoas trans não têm”, disse a artista. “Minha família está mais ansiosa do que a gente para a chegada dessa menina. Eles estão sendo um pilar para a gente. Minha família 'adotou' o Gabriel, porque eles suprem o que a família dele não faz”, agradeceu. Ela disse que a mãe mora no interior do estado, e o pai em Brasília. Ambos estão programando viagem à Fortaleza para estarem presentes no nascimento da neta — previsto para abril. “Está sendo muito importante para mim ser mãe, uma mãe travesti, preciso reforçar isso porque a minha maternidade sempre é questionada, pelo fato que a gente vive em uma sociedade onde consideram que mãe é só quem gera, quem carrega na barriga”, complementou. 4 de 6 Lara Nicole comentou sobre a receptividade dos pais com a primeira neta. — Foto: Ismael Soares/SVM Lara Nicole comentou sobre a receptividade dos pais com a primeira neta. — Foto: Ismael Soares/SVM Preconceito institucionalizado Todos os documentos retificados e o apoio da nova família não livraram Gabriel de situações envolvendo preconceitos. Ele iniciou o acompanhamento gestacional no posto de saúde Regina Maria da Silva Severino, no Bairro Canindezinho, em Fortaleza, mas percebeu que colocaram “feminino” no cadastro dele. "Eu fiquei muito indignado porque fui começar o pré-natal pelo posto — já sou retificado, tenho todos meus documentos — e a moça colocou lá 'Gabriel Lima de Sousa; sexo feminino'. Ela disse que se colocasse masculino, o sistema não ia entender", lamentou o costureiro. 5 de 6 Casal trans fala sobre experiência como pais biológicos. — Foto: Ismael Soares/SVM Casal trans fala sobre experiência como pais biológicos. — Foto: Ismael Soares/SVM Sobre o caso, a Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza disse que, atualmente, o prontuário municipal está ligado ao nacional, de responsabilidade do Ministério da Saúde; e que esse protocolo determina que o usuário só tenha acesso a alguns serviços e procedimentos a partir da informação do sexo biológico. “Encaminhamentos para exames citopatológicos e relacionados a pessoas gestantes, por exemplo, exigem a informação de que o paciente é do sexo biológico feminino. A SMS lamenta o ocorrido e que o modelo do prontuário nacional esteja defasado para esta necessidade”, disse a nota do órgão municipal. “Outra adequação já feita foi a inclusão da identidade de gênero do paciente entre as principais informações do prontuário, ficando visível para o profissional que realiza o atendimento”, complementou. Já o Ministério da Saúde argumentou que foi identificado que a UBS Regina Maria da Silva Severino utiliza um sistema próprio para registro de dados, e não o sistema da rede nacional e-SUS APS, que é disponibilizado de forma gratuita pelo Ministério da Saúde aos municípios como opção para cadastro das pessoas e prontuário eletrônico para registro clínico dos atendimentos realizados nos serviços da atenção primária, onde é realizado o pré-natal. “No caso do e-SUS APS, na ficha de cadastro individual, há o campo 'sexo', de preenchimento obrigatório pelo profissional de saúde, com as opções masculino e feminino – em referência exclusivamente ao aspecto biológico da pessoa. Na ficha, também existem os campos referentes ao nome social, orientação sexual e identidade de gênero”, disse o Ministério. “Ainda assim, o sistema está em constante aperfeiçoamento para induzir processos cada vez mais qualificados, como a adequação de campos para registro das informações, conforme as necessidades de saúde e cuidado das pessoas na Atenção Primária”, destacou o órgão ministerial. 6 de 6 Secretaria de Saúde de Fortaleza mostra alterações em prontuário para inclusão de pessoas trans em prontuários. — Foto: SMS/Reprodução Secretaria de Saúde de Fortaleza mostra alterações em prontuário para inclusão de pessoas trans em prontuários. — Foto: SMS/Reprodução Apesar do episódio com cadastro no sistema, Gabriel disse que nunca passou por outros episódios de transfobia durante o acompanhamento gestacional na unidade de saúde; diz que é respeitado, e tem o gênero respeitado, pelos profissionais por quem já foi atendido. “Outra indignação é que não posso ter acesso a um benefício do Bolsa Família porque sou um homem trans. Então, outro problema”, lamentou. O benefício citado por Gabriel se refere a um acréscimo de R$ 50 no Bolsa Família às famílias que possuem gestantes. No entanto, o programa considera a gravidez apenas de mulheres cis. Sobre a reclamação, o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, responsável pelo programa, argumentou que o campo sexo do Cadastro Único é uma informação que pode ser atualizada conforme a autodeclaração do responsável familiar. "Portanto, nesse caso, o beneficiário em questão poderá ajustá-lo, se desejar, para atender o regramento do programa, informando o sexo de nascimento", explicou. Assista aos vídeos mais vistos do Ceará ‘O amor em tempos de cólera’, um dos principais romances do escritor Gabriel Garcia Marquez, poderia ficar só na ficção se, atualmente, seu título não soasse tão literal para os casais transexuais. Em tempos de ódio e intolerância, esses relacionamentos são cercados por preconceito, ignorância e estigma. Mas neste Dia dos Namorados, esses casais esbanjam afeto e mostram que o amor vai muito além de gênero, estereótipo, definições sociais e, principalmente, do ódio. Com os dedos entrelaçados, eles mostram que no país em que mais se mata transexuais e travestis no mundo - entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram 604 mortes no país, segundo a ONG Transgender Europe (TGEU) – amar é também um ato de resistência. “As pessoas dizem que eu tenho sorte de ter uma namorada porque acham que pessoas trans - abreviação de transexual - não conseguem levar uma vida normal. Acham que a Bruna é uma pessoa muito boa por estar ao meu lado. Mas esquecem que eu sou um ser humano como todo mundo, eu trabalho, estudo, namoro, me divirto e não existe nenhuma diferença. Isso está na cabeça das pessoas”, conta o homem trans Lucca Najar, 26, produtor audiovisual e yotuber. l Bruna e Lucca Ele e a namorada Bruna Pimenta, 22, que é cisgênero - ou seja nasceu com o gênero biológico feminino e se identifica como mulher - estão juntos desde antes de Najar fazer a transição, quando eram considerados um casal lésbico. Após a transição, algumas pessoas passaram a ter muitas dificuldades de enxergá-los como um casal heterossexual e de tratar Najar no masculino. Para Bruna a transexualidade do namorado, nunca foi um impasse. “Para mim sempre foi muito natural falar sobre a transexualidade dele, desta forma, tentei transparecer de forma leve e explicar mais ou menos tudo para minha família. O que funcionou bem, todos super respeitam o Lucca, a identidade de gênero dele e quando eu falo todos, me refiro dos mais novos até minha avó de 70 anos. É importante a sociedade entender que a pluralidade é uma das únicas razões para sermos seres tão diversos, temos cores, jeitos, vozes, rostos e gêneros diferentes, não somos e nunca seremos uns iguais aos outros e essa é uma das coisas mais lindas que os seres humanos têm”, considera Bruna. Para outro casal trans, Gustavo e Bruna Benevides, o amor é justamente aceitar as diferenças - e isso vale para qualquer casal. “Para nós, que já temos quase seis anos juntos, o amor se ressignifica a cada dia. A gente finalmente entendeu que aquele amor plastificado, de comercial de margarina ou filmes da Disney não existe. Amor é conviver e transformar os problemas em conquistas cotidianas, enfrentar juntos. Eu acho que é isso que tem mantido o nosso relacionamento firme e tem feito a gente querer seguir em frente”, conta Bruna, que é mulher transexual. Veja o vídeo com os casais trans: Além de apaixonada, Bruna é militante da causa LGBT e secretária de Articulação Política da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). “As pessoas acham que assumir uma mulher trans é simplesmente andar de mãos dadas. Não é. Assumir é principalmente querer estar com a pessoa que você ama, independente do gênero com o qual ela se identifica, ou da forma física. É querer estar com aquela pessoa simplesmente por causa do bem que ela te proporciona”, completa. Ela explica que restringir o amor a um órgão sexual não só coloca à margem a diversidade, mas também limita as possibilidades. “A gente vive em uma sociedade que só aceita e reconhece homens com pênis e mulheres com vagina. Então, as pessoas trans quebram esse sentido que está normatizado e trazem uma ressignificação do amor. Isso só escancara como o órgão genital tem apenas a função de reprodução, porque, na verdade, essa condição de associar o genital ao sexo é, principalmente, desonesta, porque limita as pessoas e fazem com que elas deixem de explorar todas as possibilidades que temos, mesmo entre pessoas do mesmo gênero ou de gêneros opostos”, explica. O publicitário e homem trans Manu Ferreira, 25, concorda com Bruna e considera que os rótulos são um dos principais empecilhos para se conhecer alguém legal. “Eu já ouvi ‘eu nunca pegaria um homem trans’, como se um homem trans fosse menos homem que um homem cisgênero, sabe? As pessoas perdem muito tempo rotulando umas às outras ao invés de trocar uma ideia, dar uma chance para o outro mostrar quem é além das aparências”. Para tentar minimizar o preconceito ele se vale da empatia. “Tento usar sempre da empatia quando dá, sabe? Tentar entender de onde e porque está vindo esse preconceito. Se a pessoa se mostrar aberta a gente tenta conversar para fins de informar e desconstruir”, conclui. A namorada dele, Deborah Braga, 20, diz que apesar de ainda passarem por momentos complicados, com pessoas que fazem comentários negativos, o casal também têm amigos que respeitam e apoiam o relacionamento deles. “Eu namoro com um homem maravilhoso, que me proporciona coisas incríveis todos os dias. Um homem que me atrai não apenas pelo físico, mas também pelo conteúdo e suas atitudes. No meu caso, é assim que é namorar com um homem trans”, conclui. O ciclo do estigma Você já deve ter ouvido diversos clichês sobre o amor, inclusive o de que, para ele, não há limites. Infelizmente, essa regra não vale para pessoas trans e travestis. O estigma que elas sofrem, desde quando entendem que não se enquadram no mesmo gênero de seus sexos biológicos, é perpetuado pelo preconceito e pela falta de informação sobre esses relacionamentos. A secretária de Articulação Política da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), Bruna Benevides, 37, e mulher trans, que tem um relacionamento de quase seis anos com um homem cisgênero, explica que a sociedade tem dificuldade em entender que o casal está em uma relação heterosexual. “Se as pessoas que me conhecem conseguem identificar facilmente que eu pertenço ao gênero feminino, e o meu marido é um homem cis e pertence ao gênero masculino, então nós somos um casal heterosexual. Isso não sou eu quem diz, é a regra: heterosexuais são pessoas que se relacionam com o sexo oposto e eu sou uma mulher hétero. Porém, as pessoas não conseguem entender isso pelo fato de em algum momento da minha eu ter sido designada como pertencente ao gênero masculino”, conta. Segundo ela, o número de trans e travestis em um relacionamento sério é muito baixo por causa do medo que os homens cis têm de assumir esse relacionamento e serem chamados de gays. “A gente sabe que hoje 90% da nossa população depende da prostituição para sobreviver e isso gera um estigma de marginalidade, as pessoas sempre associam a travestilidade com a prostituição e, consequentemente, com o uso de drogas ilícitas. Com isso, as pessoas se sentem muito desconfortáveis em assumir um relacionamento com alguém que carrega todo esse estigma”. A consequência desse preconceito é que dificilmente o homem vai apresentar a namorada travesti ou trans para a família ou para os amigos. Da mesma forma, uma mulher cisgênera e heterosexual que se relaciona com um homem trans, também enfrenta esse tabu de assumir o relacionamento e ser vista como lésbica. “Os olhares atravessados que recebemos, os julgamentos, as portas na cara, a violência, o desrespeito. São muitos problemas que vão se acumulando e fazem com que as pessoas não queiram se relacionar com a nossa população, e isso gera pessoas frustradas com sua sexualidade. Logo, elas vão procurar justamente na prostituição uma forma de saciar os seus desejos sexuais, e aí forma-se outro problema: a hipersexualização e fetichização da condição de travesti e transexual. Esses homens entendem que nós só servimos para satisfazer o seu sexo, a sua fantasia, mas não para um relacionamento assumido”, diz Bruna, ao explicar como se forma o ciclo do estigma. Amor para além do preconceito O amor das mulheres trans Bruna Andrade de César, 23, e Bianca da Cunha Moura, 22, enfrenta dificuldades como qualquer outro relacionamento, mas com a diferença que para um casal transsexual há um obstáculo extra: o preconceito. Este obstáculo elas experimentaram com infeliz intensidade no mês passado, quando Bruna foi internada em uma clínica psiquiátrica do Rio de Janeiro pela própria mãe, supostamente por transfobia - atitudes ou sentimentos negativos a pessoas trans. Neste dia dos namorados completa um mês da internação e da data em que Bianca começou a luta para tirar a companheira da instituição. O melhor momento para as duas foi quando Bruna voltou para casa e elas se reencontraram, no dia 20 do mês passado. “Além de sermos trans, as pessoas ainda veem nosso relacionamento com mais preconceito porque somos lésbicas. Sempre falam que somos malucas e ficam indignadas quando dizemos que somos casadas”, conta Bruna. Apesar do preconceito, as duas fazem com que o amor delas seja maior. “Eu aprendi que o preconceito deve acabar e que eu não devo ligar para o que as pessoas falam senão eu jamais serei eu mesma, mas é claro que às vezes fico triste. Amor para mim significa liberdade, compreensão e amar a pessoa acima de todas as dificuldades”, conclui Bruna. Revisão por Juliana Theodoro Mestra em Ciências da Comunicação Transexual é uma pessoa que não se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu, ou seja, é alguém que não se sente adequado ao gênero que recebeu no nascimento. Assim, podemos dizer que uma pessoa é definida como transexual quando sente desconforto com seu sexo biológico. Por exemplo: uma pessoa nasce biologicamente mulher, mas não se reconhece dessa forma. Apesar de ter nascido com a genitália feminina, sente-se um homem. Mulher transgênero e homem transgênero Uma mulher transgênero (mulher trans) é uma pessoa que nasceu com o sexo biológico masculino (como homem), mas se autoidentifica como uma mulher. Ao contrário, um homem transgênero (homem trans) é uma pessoa que nasceu biologicamente mulher, mas que se identifica e se sente um homem. O que é sexo biológico? Como vimos, a transexualidade é um não reconhecimento do sexo biológico, a pessoa transexual não se identifica com o gênero determinado pelas características de nascimento (inadequação de gênero). Para entender melhor, é preciso saber que o sexo biológico é o determinado por particularidades de cada indivíduo, como suas genitais e seu sistema reprodutivo. Conforme as características presentes, seu sexo será feminino ou masculino. Leia também: Hétero e a diferença entre cisgênero e transgênero. Diferença entre transexual e transgênero Como vimos, transexual é uma expressão que denomina pessoas que não se sentem pertencentes ao gênero atribuído por suas características genitais de nascimento. Já o termo transgênero é mais amplo. Ele é utilizado para indicar todas as pessoas que não se identificam com os gêneros que lhes foram atribuídos. Além dos transexuais, também são incluídas no grupo de transgêneros as pessoas que são travestis ou que não se identificam com nenhum dos gêneros conhecidos. Identidade de gênero significa a forma como uma pessoa se sente em relação a si própria e como ela se apresenta perante a sociedade e às outras pessoas. Na maior parte das vezes, a identidade de gênero corresponde ao sexo biológico (masculino ou feminino). Por exemplo: uma pessoa que nasce como mulher e sente-se uma mulher. Mas, se essa correspondência não acontecer, pode ser um caso de transexualidade. Existem três principais identidades de gênero: Cisgênero: pessoa que se identifica com seu gênero atribuído ao nascimento. Transgênero: identificação com um gênero diferente do sexo biológico. Não-binário: pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros (feminino ou masculino). Leia mais sobre cisgênero, transgênero e não-binário. Para entender mais sobre o assunto, leia também sobre identidade de gênero. A classificação da transexualidade segundo a Organização Mundial da Saúde Até 2018 a transexualidade era incluída na lista de transtornos mentais, mas a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a transexualidade dessa listagem. Antes disso acontecer, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID), a transexualidade era considerada um transtorno de identidade de gênero. Hoje, a classificação como transtorno mental foi substituída por incongruência de gênero. Esta é a nova definição na CID: A incongruência de gênero é caracterizada por uma incongruência acentuada e persistente entre o gênero experiente de um indivíduo e o sexo designado. O comportamento e as preferências das variantes de gênero, por si só, não são uma base para atribuir os diagnósticos nesse grupo. É interessante saber que cirurgias (como a cirurgia de redesignação sexual) ou tratamentos hormonais para a adequação do gênero não são determinantes para que a transexualidade seja caracterizada. A decisão de passar por esses procedimentos é pessoal e feita pela observação de cada caso. As análises são feitas pela pessoa transexual e por uma equipe de profissionais que a acompanha. Mas, independentemente disso, é a identificação com um gênero diferente do biológico que pode confirmar a transexualidade de uma pessoa. Entenda a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero. A bandeira do orgulho transgênero A bandeira do orgulho transgênero é formada por cinco linhas nas cores azul, branca e rosa. A cor azul foi escolhida por ser usada tradicionalmente para representar o gênero masculino, assim como o rosa é usado para representar o gênero feminino. A cor branca foi usada para simbolizar as pessoas que não se sentem adequadas a nenhum desses gêneros ou que passam por um processo de transição de gênero. Entenda também sobre tipos de pessoas não-binárias.

- murivene
- parâmetros espaciais com relação ao pé durante a marcha
- top gard de quanto em quanto tempo
- ricette estrattore pdf
- jade
- https://e-uchebnici.com/img/file/24013130095.pdf
- netugici
- betadu
- neluju
- http://apcmagon.com/userfiles/17c6ec70-9faf-457f-8394-b47cacb16a4a.pdf
- yozizu
- acquisti serie a 2025
- taxaja
- http://dansensvenner.dk/imagesfile/\/66341329146.pdf
- corrente bali de prata
- lozupi
- pagamenti inps gennaio 2025